

## **Praxis para a transformação social: o caso Meninas em Campo**

Praxis for social transformation:  
the case of Meninas em Campo

**Mark Biram**

University of Bristol, Bristol, UK  
Doutorado em Filosofia, University of Bristol

**Maria Cristina de Azevedo Mitidieri (Tradutora)**

Unirio, Rio de Janeiro/RJ, Brazil  
Doutorado em Museologia e Patrimônio, Unirio  
cristinamitidieri15@gmail.com

**RESUMO:** Meninas em Campo é um exemplo pró-ativo de grande sucesso na promoção da igualdade de gênero por meio do discurso e da práxis. Trata-se de uma organização sem fins lucrativos localizada no Butantã, São Paulo, que oferece um espaço para meninas de 9 a 17 anos se desenvolverem como jogadoras de futebol. Financiado pelo Colégio Santa Cruz e apoiado pela Universidade de São Paulo. O Meninas em Campo é o maior projeto de futebol feminino de base social, fora dos grandes clubes. Fornecendo um modelo para o desenvolvimento do futebol feminino. Este artigo sugere que muito mais atenção deve ser dada aos anos formativos cruciais, em que gerações de meninas têm sido marginalizadas dos canais formais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero; Igualdade; Saúde e bem-estar; Práxis; Discurso.

**ABSTRACT:** Meninas em Campo has proved itself to be a highly successful proactive example of promoting gender equality through both discourse and praxis. It is a non-profit organisation located in Butantã, São Paulo which offers a space for 9–17-year-old girls to develop as footballers. The project is financed by Colégio Santa Cruz and supported by the University of São Paulo. Meninas em Campo is the largest grassroots socially motivated girls football project, outside of those of the big clubs. Meninas em Campo is symbolic in providing a blueprint for the development of girl's football. This article suggests much more attention should go to the crucial formative years where generations of girls have been marginalized from formal channels.

**KEYWORDS:** Gender; Equality; Health and Well-being; Praxis; Discourse.

## INTRODUÇÃO

Em recente entrevista, a goleira chilena Christiane Endler afirmou categoricamente que, para o futebol feminino continuar crescendo, “as meninas precisam ter as mesmas oportunidades de treinamento que os meninos”.<sup>1</sup> Essa afirmação me trouxe à memória a experiência de dez meses de pesquisa etnográfica de campo, junto às jogadoras de futebol feminino. Enfurecidas pela necessidade de afirmar o óbvio, me diziam que converter a retórica sobre igualdade de oportunidades em realidade era seu principal desafio. Ao longo de minha estadia na América do Sul, tive a sorte de entrevistar figuras relevantes do futebol feminino brasileiro e colombiano. Rosana dos Santos Augusto, por exemplo, relatou que, em sua época de juventude, as meninas não tinham espaços adequados para se desenvolverem como jogadoras. Na visão de Rosana, é importante enfatizar que as mulheres do Brasil chegaram às finais olímpicas e da Copa do Mundo apesar do apoio institucional que tiveram, não por causa dele. Da mesma forma, Maurine Dorneles Gonçalves, outra importante atleta da mesma geração, relaciona o desequilíbrio nos jogos femininos – em relação à modalidade masculina do futebol – ‘à falta de oportunidades para as meninas se desenvolvam. Um núcleo de jogadoras de qualidade sempre existiu, mas a chave para alcançar uma verdadeira potência estaria em colocar muito mais meninas em campo, desde muito mais cedo’ explicou. Isso vai ao encontro das observações de Tayla Pereira dos Santos, outra jogadora que representou a seleção nacional brasileira em diversas ocasiões. Essa atleta relata a sua experiência como alguém que cresceu brincando na rua, jogando futebol como a única menina, sempre considerada como uma “impostora” nos jogos masculinos. Essas experiências não são exceções quando se trata do futebol praticado por mulheres. Nesse sentido, como um exemplo indicativo, podemos destacar a trajetória pessoal da agora coordenadora de futebol da CBF, Aline Pellegrino, que foi entrevistada em profundidade por Pamela Joras no contexto de sua dissertação de mestrado.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> BELAS TRINDADE. Lyon’s Christiane Endler: ‘Girls must have the same training as boys’, 2023.

<sup>2</sup> JORAS; GOELLNER. Depoimento de Aline Pellegrino. JORAS. *Futebol e mulheres no Brasil: a história de vida de Aline Pellegrino*, 2015.

Para além das experiências e relatos provenientes do Brasil e da Colômbia, informações que emergem de outras partes do continente sul americano sugerem um panorama similar ou talvez até menos favorável para as meninas que desejam seguir o futebol como hobby ou como carreira profissional.<sup>3</sup> Esse conhecimento, ao qual se soma a noção de que escassos recursos vêm sendo dedicados ao futebol feminino na maior partes dos países do continente inspiraram este artigo, assim como minha pesquisa atual sobre o “Meninas em Campo” (MeC), um projeto de futebol feminino de grande sucesso, situado na cidade de São Paulo (SP).

A fraca resposta institucional a esse sucesso, de modo simplista, pode ser associada ao crescimento exponencial de oportunidades para as jogadoras, que pode ser compreendido como uma reação dos clubes, em defesa de seus interesses econômicos, frente à política da CONMEBOL que, desde 2016, exige que os clubes profissionais tenham uma divisão feminina para poderem competir na lucrativa principal competição masculina do continente, a Copa Libertadores da América.<sup>4</sup> De modo superficial, é possível identificar um progresso considerável, em termos de oportunidades para jogadoras femininas em clubes de alto nível.<sup>5</sup> Contudo, nossas pesquisas a respeito do tema indicam que Christiane Endler estava de fato se referindo à persistente escassez de oportunidades para jovens meninas aprenderem o esporte de maneira estruturada, com as mesmas condições que seus colegas do sexo masculino desfrutam. A frustração de Endler é representativa de um amplo sentimento frustração, com o qual me deparei em diversos momentos de minha pesquisa. Ele se refere ao fato de que as jogadoras parecem cientes de que a lógica predominante no futebol feminino é de inclusão, e não de igualdade absoluta, em relação à modalidade masculina.<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> GARTON. *Guerreras: fútbol, mujeres y poder*, 2019. GARTON; HIJÓS; ALBARCES. Playing for change: (semi-) professionalization, social policy, and power struggles in Argentine women's football, 2021.

<sup>4</sup> SOARES. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do Futebol Feminino no Brasil, 2019. STAREPRAVO; DE MOURA; CANAN. Has Latin America's Title IX Arrived? Impact of the CONMEBOL Institutional Incentive Regulations on South American Football, 2022.

<sup>5</sup> BIRAM. As Sereias da Vila na terra do rei: uma etnografia de Santos FC Feminino, 2021; BIRAM. *Women's Club Football in Brazil and Colombia*.

<sup>6</sup> ELSEY; NADEL. *Futbolera*, 2019, p. 12.

Este artigo é uma contribuição preliminar no âmbito de uma cooperação de longo prazo entre a Universidade de Bristol e MeC que acabam que entrar numa parceria para divulgar as boas práticas de MeC e projetos parecidos. Em primeiro lugar, focaliza o sucesso do projeto na captação de investimentos – inclusive junto à grandes empresas – para funcionar. Em segundo lugar, aborda a potencialidade do projeto para influenciar formuladores de políticas, tanto em instituições espor-tivas quanto em nível governamental. Esse impacto mais amplo, em termos de in-fluência política, é o foco principal deste artigo.

### **MENINAS EM CAMPO**

Ao longo da realização de pesquisa etnográfica com o futebol feminino, no Santos FC, entre 2018 e 2019, tive contato com uma iniciativa que objetivava suprir as deficiências sistêmicas acima mencionadas. O Meninas em Campo é uma organiza-ção sem fins lucrativos localizada no bairro do Butantã, na cidade de São Paulo (SP), que proporciona um espaço para meninas com idades entre 9 e 17 anos se desenvolverem como jogadoras de futebol. Como sugerem os relatos coletados por esta pesquisa, os (altos) níveis de violência simbólica e de exclusão podem ser e-lencados como fatores que contribuem fortemente para afastar as meninas do fu-tebol, num contexto em que apenas uma pequena parcela de potenciais atletas re-sistem, física e mentalmente, seguindo carreira no esporte ou mesmo praticando o futebol como um hobby, durante *seus anos de formação*. Nesse contexto, a falta de espaços formalizados para as meninas jogarem é claramente uma das maiores bar-reiras enfrentadas pelo futebol feminino.

O projeto é financiado pelo Colégio Santa Cruz e apoiado pela Universida-de de São Paulo. Sua localização é estratégica, pois permite o acesso a partir de comunidades próximas como São Remo, Sapé e Vila Dalva, resultando numa am-pla gama de frequentadoras, oriundas de variadas origens sociais. Todas as ativi-dades do projeto são gratuitas e o futebol é mesclado com uma série de outras atividades educacionais, que visam garantir que as participantes recebam uma formação completa. As conquistas do MeC são consideráveis. Em 2022, o projeto atendeu 234 meninas das quais 47 jogam em clubes profissionais atualmente.

Além disso, até fevereiro de 2023, o projeto formou 12 jogadoras que representaram a seleção brasileira sub-17.

O MeC utiliza uma metodologia conhecida como Treino Social, anteriormente usada, com sucesso, em 25 locais no Brasil e também em Moçambique. O Treino Social é um método baseado na *práxis* que enfatiza o desenvolvimento holístico dos atletas. A educação é um dos eixos fundamentais deste desenvolvimento, com especial destaque para o desenvolvimento socioemocional abordando temas como, por exemplo, resolução de problemas, bravura, ousadia, o empoderamento das mulheres, assim como focalizando o incremento da resiliência emocional. Assim, o desenvolvimento das atletas do MeC não é apenas como futebolistas, mas como seres humanos equilibrados e ponderados que estão bem posicionados para serem embaixadores tanto do projeto quanto do futebol feminino de forma mais ampla.

### **METODOLOGIA (O TREINO SOCIAL)**

Fiquei curioso sobre o funcionamento do MeC – e tive a sorte de poder acompanhar esse interesse com uma visita financiada pelo *AHRC Impact Funding* –, um programa da Universidade de Bristol – entre dezembro de 2022 e janeiro de 2023. Devido à duração da visita e ao cronograma, não foi possível passar um longo período com o projeto, conforme meu trabalho etnográfico anterior. No entanto, conversando com figuras-chave do projeto, pude aprender muito sobre o projeto.

Este artigo foi construído a partir de conversas com a responsável pelas redes sociais e comunicação do projeto, Sofia César Gomes, e a então Coordenadora Pedagógica, Sandra Santos, responsável pelo desenvolvimento integral das atletas. Além disso, está apoiado em informações obtidas por meio do acesso aos arquivos documentais do projeto, desde o seu início em 2016. O artigo descreve como o MeC, usando uma *práxis* semelhante à descrita pelo educador brasileiro Paulo Freire em “Pedagogia do Oprimido” (1971), tem contribuído para promover a igualdade de gênero no futebol. Joga luz sobre o trabalho do projeto no que tange à sua capacidade de fazer diferença prática na área em que atua, por meio de ações práticas de campanhas que promovem o futebol feminino e enfatizam a escassez de oportunidades, no nível nacional, para meninas na faixa etária de 9 a 17 anos praticarem o esporte.

## PROMOVENDO IGUALDADE

Os gestores do MeC têm ciência da mudança gradual de atitude, que vem ocorrendo ao longo das últimas décadas, em relação à igualdade de gênero, e têm sido capazes de capitalizar isso. Nos últimos (cinco) anos, movimentos como o #metoo e #niunamenos capturaram a imaginação das mulheres no continente (sul-americano?) e geraram um significativo interesse, que reverberou e envolveu diversos setores da sociedade. Nesse contexto, o projeto tem sido particularmente bem sucedido na promoção do seu trabalho, por meio da efetivação de parcerias com empresas que desejam associar-se, de forma positiva, ao combate à desigualdade de gênero. Esta seção aborda as campanhas “Ela pode” e “Valeu aí haters”, como exemplos representativos da eficiência do MeC, no que se refere à sua comunicação e às parcerias que vem estabelecendo.

### Campanha “Ela pode”

A campanha “Elas podem” foi desenvolvida pelo Guaraná Antarctica em parceria com outras dez grandes marcas, com a finalidade de apoiar o futebol de base feminino. No vídeo veiculado, invoca-se a metáfora que frequentemente descreve o Brasil como o “país do futebol”. Na sequência, coloca-se as questões “Realmente? Mas para quem?”. A visibilidade do jogo feminino é imediatamente colocada em foco. A campanha esclarece que o futebol masculino recebe mais de um bilhão de dólares a mais do que o futebol feminino em patrocínios a cada ano. A campanha afirma que 35 milhões de latas de Guaraná circulam no Brasil a cada mês, dando à marca um alcance incomparável.<sup>7</sup>

No contexto dessa campanha, a fim de convocar e incentivar que outras empresas apoiem a modalidade feminina do futebol o Guaraná colocava suas marcas

---

<sup>7</sup> O Guaraná Antarctica já tem um histórico de apoio ao futebol feminino no Brasil, promovendo iniciativas com relação ao incentivo aos patrocínios à modalidade. Em 2021, em parceria com a Soko, desenvolveu o case “Elas podem” premiado com bronze no Festival de Cannes e prata no The One Show, que convidava marcas para apoiar o futebol feminino, prometendo colocar suas marcas nas latas do refrigerante. A marca conseguiu o apoio de Avon, Banco BMG, Burger King, Consul, ESPN, GOL, Halls, Lay’s, Puma e Vivo.

nas mais de 35 milhões de latinhas de refrigerante que circulam no Brasil a cada mês. Com isso, a campanha engalou marcas como Burger King, Avon e outras. Toda a renda da comercialização do produto foi revertida para o MeC permitindo que o projeto se estabelecesse como o maior projeto de base do futebol feminino fora dos grandes clubes brasileiros.

Num momento de crescimento sem precedentes para o futebol em geral, é importante que o futebol feminino aproveite o vasto número de oportunidades comerciais que podem estar disponíveis. Contudo, existe a preocupação de que isso possa levar a um crescimento altamente desigual, sendo possível que a maior parcela das receitas não chegue às categorias de base. Por essa razão, uma campanha especialmente voltada para o futebol de base feminino é positiva, tanto em termos práticos quanto simbólicos.

### **Campanha “Valeu aí haters”**

A campanha “Valeu aí Haters” – outra colaboração entre o projeto MeC e o Guaraná Antarctica – tira partido de conteúdos gerados pelo usuário de mídias sociais para fomentar o crescimento do futebol feminino. Com o apoio da literatura acadêmica, é possível afirmar que ocorre uma cobertura distorcida da mídia sobre o futebol feminino, assim como a hostilidade e misoginia vêm sendo expressas por meio das mídias sociais. Claramente, o anonimato e a facilidade de postagem exacerbam o problema, e há um certo elemento de malícia associado a parte do que é encontrado *online*. Trata-se de um cenário que sublinha o desconforto persistente, em relação às mulheres que participam do futebol. Além disso, os níveis assombrosos de misoginia e preconceito irracionais que são estruturais – não apenas no Brasil, mas globalmente – contribuem para perpetuar essas atitudes.

Este cenário foi o ponto de partida para a campanha “Valeu aí haters”. De forma resumida, a campanha consistiu na impressão de cerca de 30.000 comentários de comentários misóginos sobre o futebol feminino, recolhidos na internet, em papel semente – sendo plantados no campo onde as meninas do MeC jogam. Assim, de acordo com a proposta da campanha, as jogadoras poderiam “pisar no ódio todos os dias”. A comunicação da campanha destaca que “uma das coisas mais abun-

dantes na internet – o ódio – foi transformada em infraestrutura para milhares de jogadoras e finaliza dizendo ‘Valeu Aí, Haters’.

As conquistas de tal campanha são múltiplas. Em primeiro lugar, ela permitiu que a persistência de certas visões retrógradadas sobre o futebol feminino fosse ridicularizada, sendo lançados diversos hashtags, como por exemplo #DoeSeuClichê (sugerir/doar um clichê). Em segundo lugar, enfatizou como as mudanças da sociedade estão se traduzindo lentamente em ações práticas. Isso mostra que estão surgindo mais espaços para as meninas praticarem o jogo e que esses espaços estão proporcionando o ambiente livre e positivo de que as meninas necessitam para jogar.

## **A ROTINA DIÁRIA DO MENINAS EM CAMPO**

### ***A práxis no MeC***

Em seu texto fundador da pedagogia crítica, Paulo Freire descreve a *práxis* como “reflexão e ação sobre o mundo a fim de transformá-lo”.<sup>8</sup> Freire defende que seria insuficiente apenas estudar nosso ambiente, sendo um imperativo moral agir sobre as injustiças que identificadas. A forma como o MeC aborda os aparentemente intratáveis problemas sociais que o cercam parece, ao menos em parte, inspirada por este compromisso de não ignorar a realidade social.

Desde o início de 2016 que o MeC procurou criar um espaço que envolvesse também as famílias das jovens atendidas. Num primeiro momento, antes do início dos processos seletivos, as famílias são convidadas para um café da manhã ou para um almoço, quando ocorre uma apresentação que aborda o funcionamento do projeto e a importância da formação holística das atletas, dentro dos valores estabelecidos pelo projeto. Isso facilita a construção de um certo grau de confiança, desde às primeiras trocas vitais, garantindo assim que os jogadores recebam o apoio da unidade familiar. Ainda como parte do trabalho inicial de construção de relações entre o projeto e as famílias, foram disputados jogos amistosos de futsal misto, permitindo que mães e filhas, pais e filhas e irmãos e irmãs competissem no mes-

---

<sup>8</sup> FREIRE. *Pedagogy of the oppressed*, 1971, p. 59.

mo campo. Além disso, durante o período mais conturbado da pandemia de COVID-19, algumas comunidades do entorno, como a São Remo, receberam doações solidárias do MeC em parceria com a Cooperativa Quilombola.

As ações acima elencadas indicam a existência de um entendimento tácito no MeC de que o apoio das famílias e da comunidade local é fundamental para o sucesso do projeto e do futebol feminino. Indicam que há a percepção a respeito da existência de uma “batalha” discursiva por corações e mentes, que pode ser conquistada com engajamentos em nível comunitário.

O MeC se orgulha de ser um espaço onde as jogadoras aprendem não apenas a jogar futebol, mas também navegar bem no ambiente social em que vivem. Essa abordagem educacional holística significa que as meninas participam de oficinas entre os treinos esportivos, nas quais discutirão uma série de temas delicados e cruciais para seu desenvolvimento social durante a adolescência. Elas têm, por exemplo, a chance de falar em particular com um ginecologista para discutir eventuais dúvidas. Além disso, no âmbito de mais uma campanha “Juntas Somos Campeãs”, em colaboração com a ONG “Fluxo Sem Tabu”,<sup>9</sup> organização que visa combater a pobreza menstrual, as participantes do projeto têm acesso a absorventes higiênicos, bem como acesso à informação, no que se refere à violência interseccional que pode levá-las a desistirem do esporte.

Por meio do projeto, as meninas entram em contato com discussões sobre o empoderamento feminino de uma forma que as encoraja a se comportarem de forma solidária umas com as outras e que fomenta o respeito às jogadoras de diferentes origens no Brasil. O projeto visa aproveitar todas as oportunidades para aprofundar a educação das meninas a respeito do universo do futebol, notadamente focalizando aquelas áreas onde há uma sub representação feminina. Essas áreas incluem uma série de funções técnicas (como treinador), cargos de gerência em clubes e também a área de arbitragem. Relacionadas à ideia de autoridade máxima, no futebol, as funções de técnico e árbitro aparecem como um dos últimos bastiões da dominação masculina. Por esta razão, o treinamento de arbitragem imbui as

---

<sup>9</sup> ONG que atua no combate à pobreza menstrual fornecendo itens de higiene íntima para as camadas mais vulneráveis da sociedade e lutando pela democratização do acesso à informação sobre menstruação, higiene e corpo (<https://www.fluxosemtabu.com/quem-somos>).

meninas com as habilidades necessárias para seguir uma carreira como árbitras, caso assim o desejem. Ele envolve informações a respeito da escassez de árbitras mulheres as quais são combinadas aos conhecimentos técnicos, voltados a garantir que seu trabalho e autoridade como árbitras sejam respeitados. No sentido “Freireano”, isso se encaixa perfeitamente com a noção de que “o conhecimento é feito, não descoberto”.<sup>10</sup> No mesmo sentido, a construção e aprendizagem do conhecimento está profundamente enraizada em seu contexto social, o das atitudes discriminatórias da sociedade em relação às mulheres, neste caso, e não em algum contexto abstrato ou supostamente objetivo. Da mesma forma, existem também cursos específicos para goleiras, os quais são beneficiados pelo apoio que de atletas que jogaram ao mais alto nível como Thaís Picarte e Nicole Ramos.

Os exemplos acima mencionados deixam claro o posicionamento institucional do MeC, em sintonia com o pensamento do antropólogo brasileiro Roberto Da Matta. Em sua obra “Carnavais, malandros e heróis” (1979), este autor sublinha a constante tensão entre os aspectos altamente autoritários e hierárquicos da sociedade brasileira – que vimos reemergindo nos últimos tempos – e os concorrentes desejos e impulsos por mudanças, por igualdade, por democracia e harmonia que claramente estão presentes do projeto MeC. Nesse ambiente, os esforços do MeC se voltam para a formação de atletas e mulheres jovens que não apenas estejam cientes das disputas entre essas forças, mas que sejam também capazes de agir sobre elas no sentido “Freireano”, contribuindo para a criação de uma sociedade melhor.

Os exemplos acima mencionados deixam claro o posicionamento institucional do MeC, como um projeto situado num país marcado pela constante tensão entre os aspectos autoritários e hierárquicos de sua sociedade – que vimos reemergindo nos últimos tempos – e os concorrentes desejos e impulsos por mudanças, por igualdade, por democracia e harmonia.<sup>11</sup> Nesse ambiente, os esforços do MeC se voltam para a formação de atletas e mulheres jovens que não apenas estejam cientes das disputas entre essas forças, mas que sejam também capazes de agir sobre elas no sentido “Freireano”, contribuindo para a criação de uma sociedade melhor.

---

<sup>10</sup> FREIRE. *Pedagogy of the oppressed*, 1971, p. 232.

<sup>11</sup> FREIRE. *Pedagogy of the oppressed*, 1971, p. 232.

## **Formando jogadoras profissionais completas**

No primeiro período de atuação MeC, o projeto fez uma parceria com o clube Santos FC, fornecendo atletas para equipes sub-15 e sub-17, quando três egressas do projeto representaram o Brasil na categoria sub-17: Ana Luyza, Laura Valverde e Luana Teodoro. Em 2022 várias jogadoras – incluindo Giovana Fernandes – transitaram para a equipe nacional sub-20, que conquistou o campeonato continental sul-americano. Recentemente, em 2022 uma equipe do projeto Meninas em Campo disputou o Campeonato Paulista pela primeira, com uniforme próprio do MeC, ao lado de clubes como Ferroviária, Audax Osasco e Jundiaí.

O projeto conta com várias embaixadoras, entre os quais Laura Valverde e Tamires Dias, um dos pilares da seleção brasileira feminina na última década. Nesse sentido, Valverde pode ser mencionada como um exemplo de sucesso, na medida em que é alguém formada pelo projeto. Por meio de uma postura humilde mas também articulada, essa atleta agradece regularmente ao projeto pela oportunidade de se tornar uma profissional, incorporando perfeitamente a proposta do MeC. Da mesma forma, Giovana Fernandes, ao receber o prêmio de melhor revelação do Paulista sub-20, destacou publicamente o apoio de sua família mas também do MeC, tendo creditado ao projeto a sua ampla formação como jogadora e como pessoa.

## **INFLUENCIANDO OS ELABORADORES DE POLÍTICAS**

Este artigo sustenta que as ações do MeC têm duplo propósito. Primeiramente, ao oferecer uma oportunidade para as meninas jogarem e se desenvolverem como atletas que não são atendidas ou devidamente reconhecidas por instituições esportivas (amplamente definidas como clubes, federações e confederações) e de políticas públicas de Estado. Em segundo lugar, e existência de iniciativas como o MeC funciona como uma forma de chamar atenção e de exercer pressão sobre entidades esportivas e Governos, a fim de que essas deficiências sejam abordadas, de forma séria e estruturada. A seção a seguir descreve alguns dos principais problemas em jogo.

## **Influenciando instituições esportivas**

Exercer influência sobre as poderosas instituições esportivas no Brasil é da maior importância para o projeto (para o futebol feminino). Nesse sentido, a ascensão de Aline Pellegrino na CBF representa uma esperança. Frequentemente, o debate institucional sobre o futebol de clubes tem sido centrado na política de obrigatoriedade<sup>12</sup> e a CBF tem seguido a política de exigir a formação de equipes femininas nos clubes das Séries A até a série D, sem necessariamente levar em consideração a escassez de recursos que pode ocorrer no clubes situados na extremidade inferior do espectro. Além disso, não existem mecanismos para garantir que, mesmo nos clubes maiores façam mais do que apenas cumprir o requisito mínimo de ter um time feminino. Mais do que isso, o foco desproporcional na inclusão de times femininos de qualquer tipo em todos os clubes obscureceu, de certa forma, a escassez de oportunidades para meninas na faixa etária de 9 a 17 anos.

Nesse ambiente, iniciativas como o MeC se configuram como um modelo de excelência, para outros projetos de futebol feminino. Além disso, o MeC contradiz o mito de que grandes empresas não se interessam pelo futebol feminino. Como vimos, por meio dos exemplos anteriormente mencionados, muitas empresas têm se associado às causas progressistas, em razão de decisões comerciais e pragmáticas.

## **Influenciando políticas de Estado**

Um passo além de influenciar as instituições esportivas é tentar influenciar o estado a incluir o futebol feminino nos currículos estaduais nacionalmente na agenda das ações educacionais de Estado. Nesse sentido, podemos mencionar o exemplo do Chile. Nesse país, a aprovação de uma Lei pelo presidente Gabriel Boric, a qual estabelece a exigência de contratos formais para jogadoras,<sup>13</sup> indica que a profissionalização do futebol feminino se tornou parte do debate político dominante no

---

<sup>12</sup> SOARES. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol. STAREPRAVO; DE MOURA; CANAN. Has Latin America's Title IX Arrived?. BIRAM. Obrigatoriedade and the professionalisation of women's football in Brazil, 2023.

<sup>13</sup> MOLINA. Gabriel Boric promulgó este viernes la ley de fútbol femenino profesional, 2022.

continente sul-americano. A Argentina se encontra em um estágio semelhante, que tem sido chamado de semi profissionalismo.<sup>14</sup> Mais uma vez, grande parte desse debate obscurece ou ignora completamente os anos formativos cruciais anteriores ao momento em que o "profissionalismo" é nominalmente concedido às mulheres, sem muitos dos benefícios sociais e econômicos que são concedidos aos atletas profissionais do futebol masculino.

A posição do MeC como um dos principais fornecedores de jogadoras profissionais fora dos grandes clubes significa coloca o projeto como um exemplo perfeito para destacar como o futebol feminino no Brasil pareceria significativamente difícil, caso (onde) fosse replicado.

Alterar políticas de Estado pode parecer um objetivo distante, na atual conjuntura. Contudo, no âmbito do no continente (sul-americano), o futebol feminino – assim como a igualdade de gênero –, têm a possibilidade real de ganhar ainda mais força na agenda pública, se forem enquadrados e destacados da maneira certa.

## CONCLUSÃO

O MeC provou ser um exemplo altamente bem-sucedido de projeto social que promove mudanças positivas em uma área de extrema importância para a identidade nacional brasileira. O grande sucesso do MeC o levou a ser reconhecido pela iniciativa das Nações Unidas #FootballForTheGoals, como um exemplo de transformação social. O projeto, além disso, está diretamente relacionado a três dos 17 objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU, notadamente à Saúde e Bem-estar, Educação e Igualdade de Gênero.

Este primeiro reconhecimento global é de particular importância para um projeto como o MeC. Em um país que vive um momento de grande polarização política, ao qual se soma o anacrônico combate à chamada "ideologia de gênero", o-

---

<sup>14</sup> GARTON; HIJÓS; ALBARCES. Playing for change.

corrido durante a gestão federal anterior,<sup>15</sup> o reconhecimento das Nações Unidas confere credibilidade significativa ao MeC, por estar esse projeto alinhado a um sentido mais universal do que significa igualdade de gênero, no século XXI.

Apesar dos avanços ostensivamente rápidos do futebol feminino nos últimos anos, ainda existem enormes desigualdades estruturais sustentadas pelo machismo, pelo sexismo e pela misoginia. Tanto no nível do Estado quanto dentro das instituições esportivas, reivindicações superficiais e frequentemente falsas sobre “profissionalismo” e “igualdade” são abundantes. Atuando para além da retórica, o MeC opera para remediar a falta de ambos – tanto em sua práxis quanto no conteúdo educacional que entrega.

\* \* \*

#### **AGRADECIMENTOS**

Este artigo foi desenvolvido em conversa com Sofia Gomes César e Sandra Santos. Agradeço-lhes por seu tempo e disposição amigável. Além disso, esta pesquisa foi possível graças ao AHRC IAA Impact Funding da Universidade de Bristol. Da mesma forma, agradeço a Cristina Mitidieri por me ajudar a aperfeiçoar esta versão do texto em português. Sou extremamente grato a todos os envolvidos por tornar isso possível.

\* \* \*

---

<sup>15</sup> ASSIS; OGANDO. Bolsonaro, ‘gender ideology’ and hegemonic masculinity in Brazil, 2018. MISKOLCI. Exorcising a ghost: the interests behind the war on “gender ideology”, 2018. VAGGIONE. The conservative uses of law: the catholic mobilization against gender ideology, 2020.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. S. de. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do futebol feminino no Brasil. **FuLiA/UFMG**, v. 4, n. 1, p. 72-87, 2019.
- ANJOS, L. A. DOS et al. Guerreiras Project: futebol e empoderamento de mulheres. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, 15 jan. 2018.
- ASSIS, M. P.; OGANDO, A. C. Bolsonaro, 'gender ideology' and hegemonic masculinity in Brazil. **Al Jazeera**, p. 1-4, 2018.
- BELAS TRINDADE, J. B. Lyon's Christiane Endler: 'Girls must have the same training as boys'. **The Guardian**, 22 fev. 2023.
- BIRAM, M. As Sereias da Vila na terra do rei: uma etnografia de Santos FC Feminino. **Movimento**, v. 27, 2021.
- BIRAM, M. **Women's Club Football in Brazil and Colombia: a critical analysis of players, media and institutions** (PhD Thesis). Acesso em: 24 jun. 2022.
- BIRAM, M. Obrigatoriedade and the professionalisation of women's football in Brazil. In: **Women's Football in a Global, Professional Era**. Emerald Publishing Limited, 2023, p. 33-47.
- BULLINGHAM, R.; MAGRATH, R. 'Pink hair, don't care': a print media analysis of Megan Rapinoe at the 2019 Women's World Cup. In: **Women's Football in a Global, Professional Era**. Emerald Publishing Limited, 2023, p. 221-234.
- CASHMAN, H. R.; RAYMOND, C. W. Making gender relevant in Spanish-language sports broadcast discourse. **Gender & Language**, v. 8, n. 3, 2014.
- DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: o dilema brasileiro do espaço público**. Rio De Janeiro: Zahar, 1979.
- ELSEY, B. Fútbol Feminista: energized by the# NiUnaMenos movement, women's soccer teams take on the patriarchs of the beautiful game in Latin America. **NACLA Report on the Americas**, v. 50, n. 4, p. 423-429, 2018.
- ELSEY, B.; NADEL, J. **Futbolera: A history of women and sports in Latin America**. Austin: University of Texas Press, 2019.
- FONTES, P.; BUARQUE DE HOLLANDA, B. **The country of football: politics, popular culture, and the beautiful name in Brazil**. London: Hurst, 2014.
- FREDERICK, E. L.; PEGORARO, A.; SCHMIDT, S. "I'm not going to the f\*\*\* ing White House": Twitter users react to Donald Trump and Megan Rapinoe. **Communication & Sport**, v. 10, n. 6, p. 1210-1228, 2022.
- FREIRE, P. **Pedagogy of the oppressed**. London: Penguin, 1971.
- GARTON, G. **Guerreras: fútbol, mujeres y poder**. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2019.

GARTON, G.; HIJÓS, N.; ALABARCES, P. Playing for change: (semi-) professionalization, social policy, and power struggles in Argentine women's football. **Soccer & Society**, v. 22, n. 6, p. 626-640, 2021.

JORAS, P. S. **Futebol e mulheres no Brasil: a história de vida de Aline Pellegrino**. UFRGS, 2015.

JORAS, P. S.; GOELLNER, S. V. Depoimento de Aline Pellegrino, 2013. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/96152>.

KITTLESON, R. **The country of football: soccer and the making of modern Brazil**. Berkeley: Univ of California Press, v. 2, 2014.

MACDONALD, C.; CLELAND, J. Gender politics of social media: a case study of Megan Rapinoe. In: **The Routledge Handbook of Gender Politics in Sport and Physical Activity**. Routledge, 2022, p. 249-258.

MINA, C. Y. M.; GOELLNER, S. V. Representaciones sociales de la Selección Femenina de Fútbol de Colombia en la Copa América 2014. **Educación Física y Deporte**, v. 34, n. 1, p. 39-72, 2015.

MISKOLCI, R. Exorcising a ghost: the interests behind the war on "gender ideology". **Cadernos Pagu**, n. 53, p. 1-13, 2018.

MOLINA, G. Gabriel Boric promulgó este viernes la ley de fútbol femenino profesional. **Contragolpe**, 1 abr. 2022.

SCHMIDT, S. H. et al. An analysis of Colin Kaepernick, Megan Rapinoe, and the national anthem protests. **Communication & Sport**, v. 7, n. 5, p. 653-677, 2019.

STAREPRAVO, F. A.; DE MOURA, G. X.; CANAN, F. Has Latin America's Title IX Arrived? Impact of the CONMEBOL Institutional Incentive Regulations on South American Football. In: **Women's football in Latin America: Social challenges and historical perspectives**, v. 2. Hispanic Countries. New Femininities in Digital, Physical and Sporting Cultures. Cham: Springer International Publishing, 2022, p. 269-288.

VAGGIONE, J. M. The conservative uses of law: the catholic mobilization against gender ideology. **Social Compass**, v. 67, n. 2, p. 252-266, 2020.

\* \* \*

Recebido em: 15 mar. 2023.

Aprovado em: 30 jul. 2023.